

Etnoterminologia de etnias das línguas de sinais das terras indígenas brasileiras

Edivaldo da Silva Costa
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7793-7289>

Erich Teles Bezerra
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-5682-7582>

Leoni Ramos Souza Nascimento
Universidade Federal de Rondônia, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-5015-9034>

ABSTRACT: This research aimed to record and analyze the signs representing the sign language ethnic groups of Brazilian deaf indigenous communities that have consolidated studies. The methodology was based on ethnoterminographic research by Azevedo (2015); Bezerra (2021); Damasceno (2017); Lopes (2020); Vilhalva (2012), Pereira (2013), Kakumasu e Kakumasu (1968), Ferreira-Brito (1983; 1995), Baleé (1998); Cerqueira (2008); Godoy (2020); Eler (2017); Araújo e Oliveira (2021); Giroletti (2008). The results identified the representative signs of 34 different indigenous ethnic groups distributed among ten Brazilian states, such as Amazonas, Bahia-Minas Gerais, Maranhão-Pará, Pernambuco, Mato Grosso do Sul Rondônia, Roraima and Santa Catarina. And, for the lexico-terminographic record, there are the mini-dictionaries of emergent indigenous signs from Vilhalva (2012), the from Sataré-Mawé (Azevedo 2016) and the Munduruku of Ferreira, Gonçalves e Malcher (2021), as well as a glossary of Paiter Suruí signs by Eler (2017) and two virtual available on YouTube, Pereira (2013) and Bezerra (2021). It was concluded that the representative signs of these ethnic groups identified in this study represent visual artifacts of deaf indigenous culture and identity as elements of nature, ornamental ornaments, indigenous weapons, pirogue/indigenous canoe, linguistic borrowings from spoken languages and feather art.

KEYWORDS: Deaf indigenous communities; Ethnoterminology; Sign languages of indigenous lands

RESUMO: Esta pesquisa teve como intuito registrar e analisar os sinais representativos das etnias de línguas de sinais das comunidades indígenas surdas brasileiras que possuem estudos consolidados. A metodologia se embasou nas pesquisas etnoterminográficas de Azevedo (2015); Bezerra (2021); Damasceno (2017); Lopes (2020); Vilhalva (2012); Pereira (2013), Kakumasu e Kakumasu (1968), Ferreira-Brito (1983, 1995), Baleé (1998); Cerqueira (2008); Godoy (2020); Eler (2017); Araújo e Oliveira (2021); Giroletti (2008). Nos resultados foram identificados os sinais representativos de 34 diferentes etnias indígenas distribuídas entre 10 estados brasileiros, tais como no Amazonas, na Bahia-Minas Gerais, no Maranhão-Pará, em Pernambuco, no Mato Grosso do Sul, em Rondônia, em Roraima e em Santa Catarina. E, para o registro léxico-terminográfico têm-se os minidicionários de sinais emergentes indígenas de Vilhalva (2012), o do Sataré-Mawé de Azevedo (2016) e o do Munduruku de Ferreira; Gonçalves e Malcher (2021), além de um glossário de sinais Paiter Suruí de Eler (2017) e dois virtuais disponíveis no YouTube, Pereira (2013) e Bezerra (2021). Concluiu-se que os sinais representativos dessas etnias identificadas neste estudo, representam artefatos visuais da cultura e identidade indígena surda como elementos da natureza, adereços ornamentais, armas indígenas, piroga/canoa indígena, empréstimos linguísticos das línguas orais e arte em plumaria.

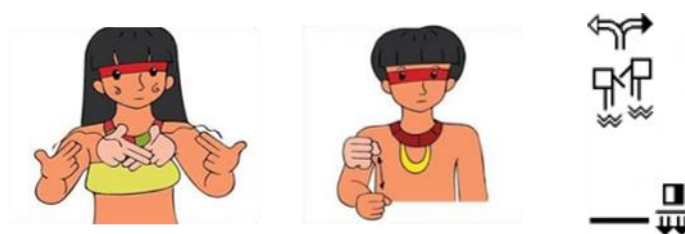
PALAVRAS-CHAVE: Comunidades de indígenas surdos; Etnoterminologia; Línguas de sinais das terras indígenas

1. Introdução

A etnoterminologia é definida por Moura (2019: 8), como “um campo de estudo da Terminologia na medida em que analisa fenômenos lexicais inseridos na realidade do discurso (etnoliterário), que se encarrega da análise e da demonstração da visão de mundo de uma cultura, por meio do estudo de suas unidades mínimas de significação, os vocábulos termos”.

Contextualizando as pesquisas etnoterminológicas com o nativismo, o multiculturalismo e o plurilinguismo têm-se os povos ou etnias, os quais de acordo com People e Bailey (2010), são categorias de indivíduos que se identificam mutuamente, geralmente com base em uma genealogia ou ancestralidade comum presumida ou em semelhanças na língua, história, sociedade, cultura ou não em comum. Em essência, o povo indígena (Fig. 1) é uma categoria social baseada em percepções da experiência compartilhada ou das experiências de seus ancestrais e os seus membros veem compartilhando as tradições histórico-culturais que os distinguem de outros grupos.

Figura 1. Sinais representativos para o termo Etnia Indígena na LSTI e escrito em sistema Sutton-*SignWriting*, respectivamente



Fonte: VILHALVA (2012).

Além disso, o estudo das ciências do léxico aplicada à Língua Brasileira de Sinais (Libras) encontra-se ancorado nos trabalhos de Faustich (2018), a qual conceitua terminologia como o campo que estuda a especialidade do léxico por meio de mecanismos que comprovem os princípios linguísticos. A respeito da Lexicologia e Lexicografia envolvendo Línguas de Sinais, ainda com ínfima produtividade científica, veem se configurando como um campo em construção, o que desvela um investimento maior de estudos e pesquisas. Nesta perspectiva, Leôncio e Zavaglia (2021) apresentam uma pesquisa na perspectiva histórica léxico-descritiva e traz importantes contribuições para esta área do conhecimento.

Para a área do estudo do léxico na perspectiva da Libras, destacam-se os trabalhos de Sofiato (2005); Sofiato e Reily (2012); Costa e Nascimento (2015); Tuxi e Felten (2019); Leôncio (2020) e Leôncio e Zavaglia (2021). No caso dos estudos e pesquisas sobre as Línguas de Sinais Emergentes (LSE) e/ou Língua de Sinais das Terras Indígenas (LSTI), ainda em constituição, perfazendo um elo entre as duas modalidades de ensino, educação especial e a indígena e veem ancorando-se aos trabalhos de Kakumasu e Kakumasu (1968); Ferreira-Brito (1983, 1995); Baleé (1998); Cerqueira (2008); Giroletti (2008); Vilhalva (2004, 2007, 2009, 2012); Coelho (2011), Silva (2014); Henrique (2014); Sumaio (2014, 2018); Bruno e Lima (2015); Azevedo (2015); Almeida e Sebastião (2016); Sant’ana (2016); Barretos (2016); Silva (2017); Costa (2017); Gregianini (2017); Eler (2017); Silva e Quadros (2019); Godoy (2020); Costa, Nascimento e Prates (2021); Bezerra (2021); Silva (2021) e Oliveira (2021). Com base no léxico dialetológico de diferentes povos surdos indígenas brasileiros, encontram-se os minidicionários de sinais emergentes indígenas de Vilhalva (2012) e o dos Sataré-Mawé de Azevedo (2016), além de um glossário de sinais Paiter Suruí de Eler (2017).

Os estudos lexicográficos das etnias de línguas de sinais indígenas trazem para este estudo um diferencial, pois para tal registro optou-se pelo uso do sistema visuo-gráfico-esquemático *Sutton-SignWriting* (Sutton 2000).

No Brasil, os povos indígenas representam aproximadamente 0,47% da população, e de acordo com o último censo do IBGE (2010), existem 896.917 no país, sendo 324.834 habitando nas áreas urbanas e 572.083 nas rurais. A região norte possui a maior população de povos indígenas do país e os municípios amazonenses com maior quantitativo são: São Gabriel da Cachoeira (29.017), São Paulo de Olivença (14.947) e Tabatinga (14.855). Além disso, existem 305 etnias indígenas e dois troncos linguísticos, o Macro-Jê é composto pelas etnias indígenas Bororo, Guató, Jê, Karajá, Krenak, Maxakali, Ofayé, Rikbaktsá e Yatê e o Tupi por Arikém – 1 língua, Juruna – 1 língua, Mondé – 7 línguas, Mundurukú – 2 línguas, Ramaráma – 2 línguas, Tuparí – 3 línguas e Tupi-Guarani – 21 línguas e 3 línguas isoladas no nível de família: Aweti, Puruborá e Sataré-Mawé) e 274 línguas indígenas (IBGE 2010). Os dados sobre o quantitativo e a distribuição geográfica de povos indígenas surdos não são discriminados no censo demográfico.

Na relação estabelecida entre povos indígenas e natureza têm-se termos específicos como *Tupã* ‘trovão’, *Jaci* ‘lua’, *Guaraci* ‘sol’, entre outros. Além disso, diversos topônimos de estados ou cidades brasileiras possuem origens etimológicas indígenas como Aporá-ba – *a’porã* ‘monte bonito’, Atibaia-SP – *a’tib’aia* ‘pomar’, Gurupi-TO – *kuru’p’y* ‘rio do cascalho’, Itaboraí-RJ – *ita’borai* ‘pedra bonita’, Arapiraca-AL – *ará’pir’aca* ‘árvore de casca solta’, Paracatu-MG – *pará’catu* ‘rio bondoso’, Itajá-SC – *itá’ya’y* ‘rio pedregoso’, Itabaiana – *ita-’taba-’oane* ‘pedra da aldeia indígena’, Ubaitaba-BA – *ubá-’y-taba* ‘terra das canoas’, Marabá-PA – *mayr-abá* ‘filho do estrangeiro com a índia’, entre outras.

Este artigo tem como intuito registrar e analisar os sinais representativos das etnias dos povos indígenas, falantes de línguas de sinais das comunidades indígenas surdas brasileiras, que já possuem pesquisas consolidadas.

2. Discussão teórica

A metodologia se embasou nas pesquisas etnoterminográficas de Azevedo (2015); Bezerra (2021); Damasceno (2017); Vilhalva (2012); Pereira (2013); Godoy (2020); Eler (2017); Araújo e Oliveira (2021) e Giroletti (2008).

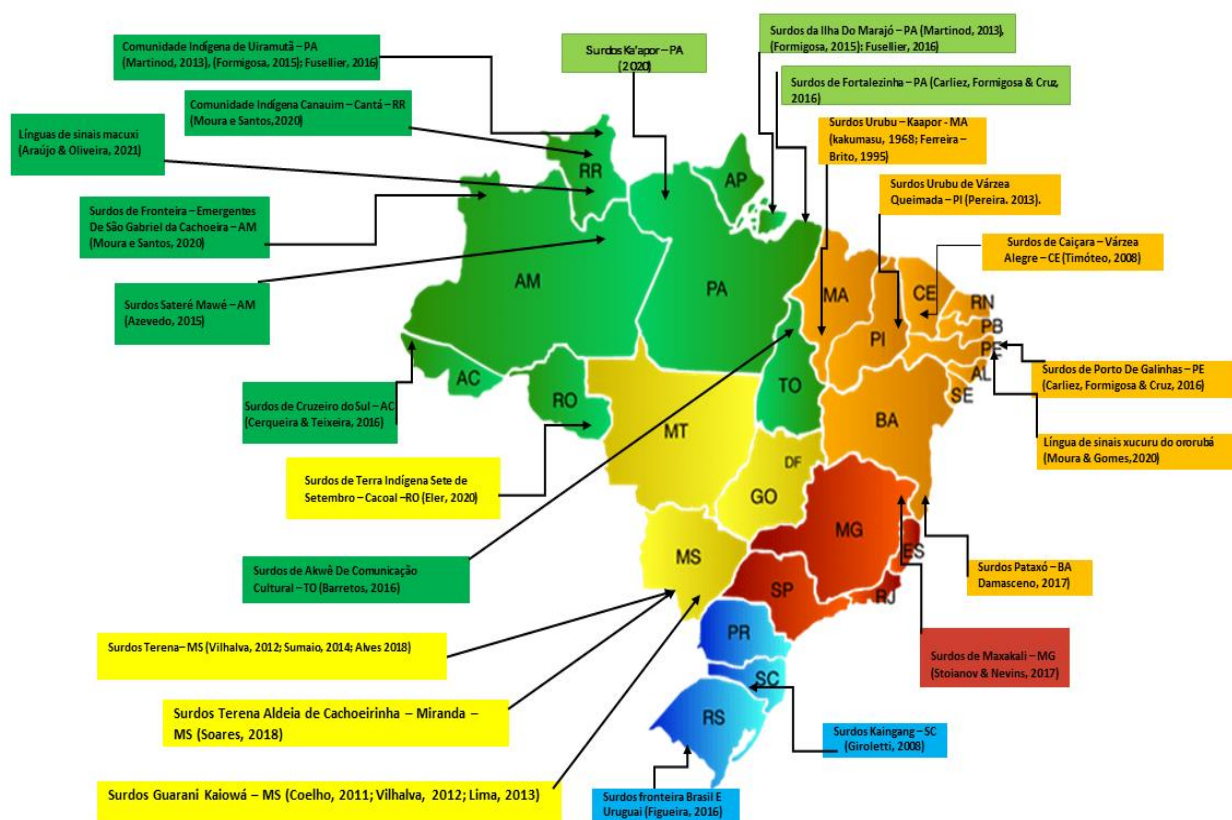
O universo amostral foram os trabalhos publicados que dialogam com as pesquisas brasileiras da Língua de Sinais Emergentes e/ou Língua de Sinais das Terras Indígenas e que versam sobre os povos indígenas.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram consultados os bancos de dados de repositórios institucionais do Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTB - <https://bdtb.ibict.br/vufind/>) e arquivos baixados das plataformas periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES - <https://www.periodicos.capes.gov.br/>), Scientific Electronic Library Online (SciELO - <https://www.scielo.org/>), Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>) e o YouTube (<https://www.youtube.com/>). Como critérios de busca utilizou-se as seguintes palavras-chaves descritoras: “Comunidades de Indígenas Surdos”, “Etnoterminologia”, “Línguas de Sinais Emergentes” e “Línguas de Sinais das Terras Indígenas” identificando 53 trabalhos que, posteriormente, foram selecionados os trabalhos de Azevedo (2015); Bezerra (2021); Damasceno (2017); Lopes (2020); Vilhalva (2012); Pereira (2013); Godoy (2020); Eler (2017); Araújo e Oliveira (2021); Giroletti (2008).

Num panorama nacional de mapeamento das comunidades de povos indígenas surdos brasileiros com estudos consolidados, Damasceno (2017) e Silva (2021) trazem as LSE e/ou LSTI distribuídas, geograficamente, por Estados. Na figura a seguir, estão representadas as 23

comunidades surdas de línguas de sinais indígenas identificadas, documentadas e espalhadas por todo território brasileiro.

Figura 2. Distribuição ilustrativa das comunidades indígenas surdas brasileiras



Fonte: Adaptada de SILVA (2021: 108).

Região Norte

ACRE – Surdos de Cruzeiro do Sul – AC (Cerqueira; Teixeira 2016).

AMAZONAS – Surdos Sataré-Mawé – AM (Azevedo 2015).

PARÁ – Surdos da Ilha de Marajó – PA (Martinod 2013; Formigosa 2015; Fusellier 2016), Surdos de Fortaleza – PA (Carliez, Formigosa, Cruz 2016), Surdos Ka’apor – PA (Godoy 2020).

TOCANTINS – Surdos de Akwê-Xerente de Comunicação Cultural – TO (Barretos 2016).

RONDÔNIA – Surdos de Terra Indígena Sete de Setembro-Cacoal – RO (Eler 2020).

RORAIMA – Comunidade indígena de Uiramutã – RR (Araújo; Oliveira 2021), Comunidade indígena Canaúim-Cantá – RR (Moura; Santos 2002); Surdos Macuxi (Araújo; Oliveira 2021) – RR.

Região Nordeste

BAHIA – Surdos Pataxó – BA (Damasceno 2017).

CEARÁ – Surdos de Caiçara – Várzea Alegre – CE (Temóteo 2008), Tapeba - CE (Lopes 2020).

MARANHÃO – Surdos Ka’apor – MA (Kakumasu 1968; Ferreira-Brito 1995).

PERNAMBUCO – Surdos de Porto de Galinha – PE (Carliez; Formigosa; Cruz 2016), Surdos Xukuru do Ororubá – PE (Moura; Gomes 2020).

PIAUI – Surdos da Várzea Queimada – PI (Pereira 2013).

Região Centro-Oeste

MATO GROSSO DO SUL – Surdos Guarani-Kaiowá – MS (Coelho 2011; Vilhalva 2012; Lima 2013), Surdos Terena – MS (Vilhalva 2012; Sumaio 2014; Alves 2018), Surdos Terena Aldeia de Cachoeirinha-Miranda- MS (Soares 2018).

Região Sudeste

MINAS GERAIS – Surdos de Maxakali – MG (Stoianov; Nevins 2017)

Região Sul

SANTA CATARINA – Surdos Kaingang – SC (Giroletti 2008)

Giroletti (2008) registrou os Sinais Kaingang na Aldeia (SKA), desenvolvidos na comunicação dos surdos na escola, em casa e na Aldeia. Vilhalva (2009) mapeou e registrou, como as Línguas de Sinais familiares estão emergindo no contexto plurilíngue, especificamente, nas aldeias Jaguapiru e Bororo das comunidades indígenas do município de Dourados-MS. Coelho (2011) investigou a constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá e os seus processos de interação e comunicação na família e na escola. Henrique (2014) verificou a efetivação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena no Brasil no que se refere ao atendimento aos povos indígenas com deficiências, em especial aqueles com deficiência auditiva, que são usuários da língua de sinais.











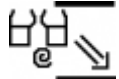

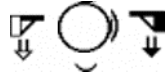

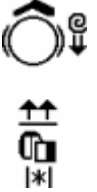


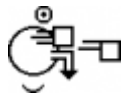

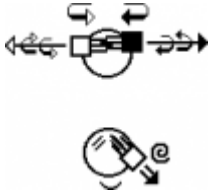
Sumaio (2014) estudou a língua utilizada por surdos Terena de diferentes faixas etárias, sendo a maioria jovens. Azevedo (2015), apresentou o resultado do mapeamento de povos indígenas surdos nas comunidades indígenas Sateré-Mawé, na microrregião de Parintins-AM. Costa (2017) realizou um mapeamento dos sinais da Comunidade Surda do Povo Paiter Suruí no contexto familiar utilizados nos processos de comunicação e expressão na aldeia indígena Gapgir, Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal-RO.







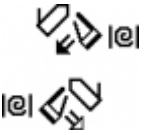







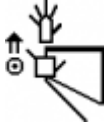
Sant'ana (2016) abordou aspectos educacionais, políticos, linguísticos e culturais sobre a educação de povos indígenas surdos no Brasil tomando como bases teóricas os trabalhos de Vilhalva (2004, 2009, 2012); Giroletti (2008); Coelho (2011) e Lima (2013).

Gregianini (2017) mapeou os Sinais Paiter Suruí (SPS), presentes nos processos de comunicação e expressão do povo indígena surdo Paiter Suruí no contexto da comunidade. Eler (2017) mapeou os Sinais Paiter Suruí (SPS) de alunos indígenas surdos nos processos próprios de ensino e aprendizagem na educação escolar indígena na aldeia Gapgir, da Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal-RO. Lopes (2020), nos estudos terminológicos, realizou um levantamento terminológico em Libras para os termos indígenas dos Tapeba. Costa et al. (2022) apresentaram pesquisas etnoterminológicas referentes as línguas de sinais das terras indígenas brasileiras.

Para sistematizar os estudos surdos indígenas, apresentamos abaixo um mapa etnocartográfico dos sinais representativos das etnias identificadas nesta pesquisa mostrado no quadro abaixo.

Quadro 1. Mapa etnocartográfico de sinais escritos das etnias indígenas brasileiras.

MAPA ETNOCARTOGRÁFICO DE ETNIAS INDÍGENAS DO BRASIL				
 <p>Etnias Indígenas</p>	 <p>Atikum - PE (Elemento da Natureza - fogo)</p>	 <p>Bororó - MS (Tambor do ritual indígena)</p>	 <p>Fulni-ô - PE (Cachimbo do Pajé)</p>	 <p>Guarani-Kaiowá - MS</p>
 <p>Guató - MS (Piroga – canoa indígena)</p>	 <p>Ka'apor - MA/PA (LSKB) (Plumaria indígena)</p>	 <p>Kadiwéu - MS</p>	 <p>Kaingang - SC</p>	 <p>Kamayurá - MS (Cocar e uruá - flautas)</p>
 <p>Kambiwá - PE</p>	 <p>Kanamari - AM (Adereços e instrumentos musicais)</p>	 <p>Kapinawá - PE</p>	 <p>Kinikinaw - MS</p>	 <p>Korubo - AM (Metade da cabeça raspada e a borduna usada em combates e guerra)</p>
 <p>Kulina Madiha - AM</p>	 <p>Macuxi - RR (LSM)</p>	 <p>Marubos - AM (Colares de Aruá)</p>	 <p>Matis/Matsés - AM</p>	 <p>Mayoruna - AM (Cocar e pintura corporal indígena)</p>

 <p>Mehinako - MS (Cocar e pintura corporal indígena)</p>	 <p>Paiter Suruí - RO</p>	 <p>Pankará – PE</p>	 <p>Pankararu - PE (Cachimbo indígena)</p>	 <p>Pataxó - BA/MG (Bracelete indígena)</p>
 <p>Pipipã - PE</p>	 <p>Sateré-Mawé - AM (Luvas de palha do ritual da tucandeiras)</p>	 <p>Tapeba - CE ("cocar na pedra")</p>	 <p>Terena - MS (Pintura corporal indígena)</p>	 <p>Trumai - MS (Cocar e pintura corporal indígena)</p>
 <p>Truká - PE</p>	 <p>Tuxá - PE</p>	 <p>Xavante - MS</p>	 <p>Xukuru - PE</p>	 <p>Yanomami - AM (Adereços de penas de arara no braço)</p>

Fonte: Costa et al. (2022)

3. Análise dos dados

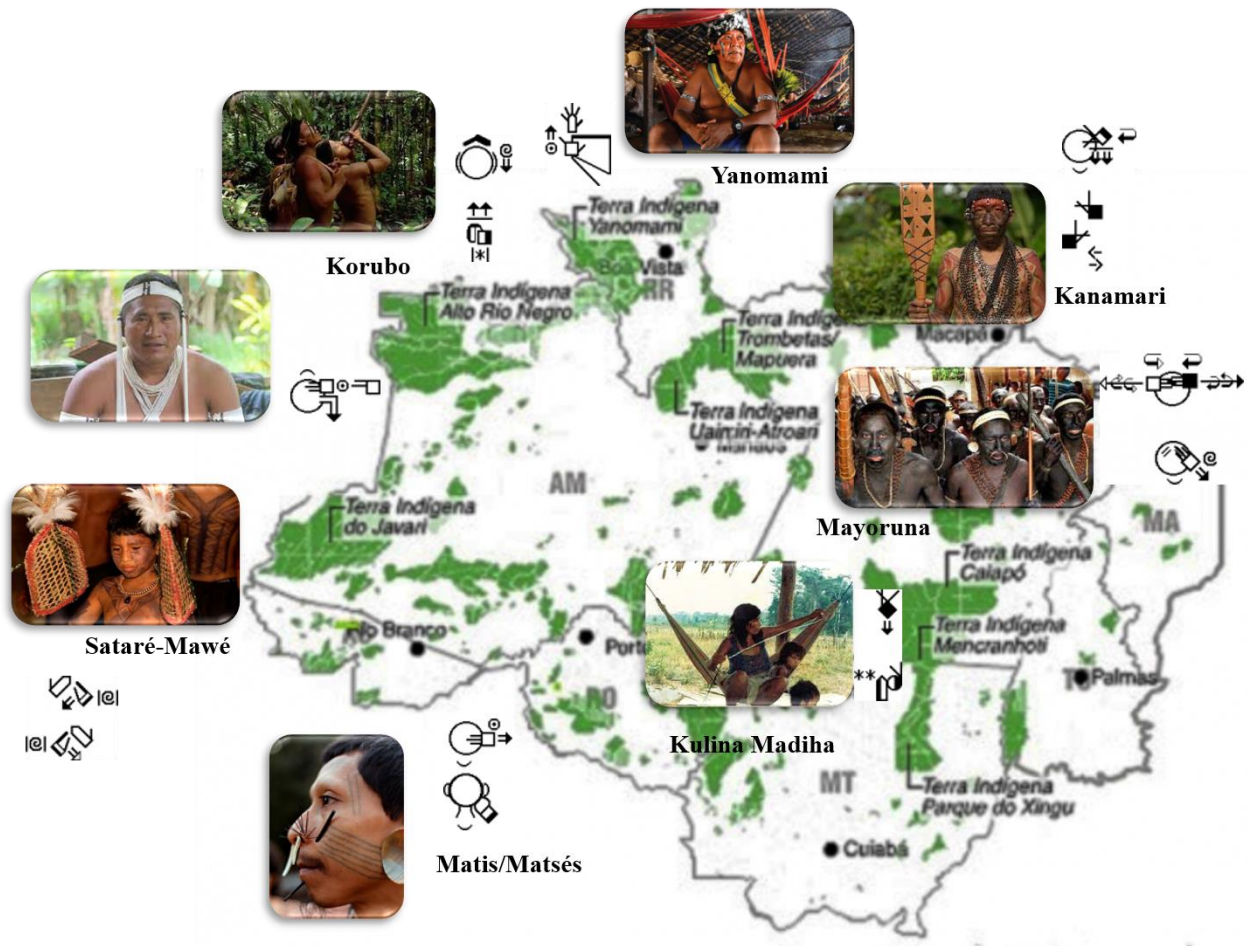
Para análise dos 34 sinais representativos das etnias indígenas identificados nesta pesquisa, foi necessário agrupá-los pelos respectivos estados em ordem alfabética e, em seguida, foram analisados e discutidos.

3.1 Etnias indígenas do Amazonas

No Amazonas, foram identificadas as pesquisas de Azevedo (2015) e Bezerra (2021). Como produto das pesquisas realizadas por Azevedo (2015) resultou no Minidicionário Sateré-Mawé Trilíngue. O povo Sateré-Mawé, representado pelo o ritual da tucandeira e tem o seu sinal representativo nas luvas de palha trançada contendo a tocandira (*Paraponeriane*), uma espécie de formiga exclusivamente carnívoras, de grande tamanho e pela presença de fortes ferrões utilizadas no ritual indígena dos Sateré-Mawé. No trabalho de Bezerra (2021) foram identificados os sinais representativos para sete etnias de povos indígenas, os Mayorunas na Comunidade Indígena do Marajaí no Médio Solimões, os Kanamaris, Korubos, Kulina Madiha,

Matis/Matsés, Marubos no Vale do Javari e os Yanomamis no Alto do Rio Negro. Os sinais representativos estão registados na figura abaixo.

Figura 3. Sinais representativos das etnias de indígenas do Amazonas documentadas por Azevedo (2015) e Bezerra (2021)



Fonte: <https://revistacenarium.com.br/indigenas-denunciam-omissao-do-dsei-em-barreira-sanitaria-no-amazonas/>; <https://docplayer.com.br/62517563-Minidicionario-trilingue-indigena-satere-mawe-em-libras-e-lingua-portuguesa.html>; Azevedo (2015); Bezerra (2021); <https://www.youtube.com/watch?v=g4fu-zYxzYQ>; <https://www.youtube.com/watch?v=B67T9q3pGR4>; <https://www.youtube.com/watch?v=ffMrG-D3GwE>; https://www.youtube.com/watch?v=LD4H1U8_lac; <https://www.youtube.com/watch?v=vvbPvxSFdyo>; <https://www.youtube.com/watch?v=X3Uo8NN58yg>; <https://www.youtube.com/watch?v=yUhx03kyoEs>; <https://www.youtube.com/watch?v=6gAh5GMc6ac>.

A maioria dos sinais da figura acima, estão relacionados, iconicamente, aos cocares indígenas (Kamayurá, Kanamari, Mayoruna, Mehinako e Trumai), outros as armas de caça e/ou instrumentos musicais (Kamayurá, Kanamari e Marubo), pinturas faciais (Kamayurá, Kanamari, Mayoruna, Mehinako e Trumai), os adornos que enfeitam suas cabeças e narinas produzidos com pequenos aruás Matis/Matsés, espinhos e alargadores de conchas de caramujos em suas orelhas (Matis/Matsés), empréstimo linguístico (Kulina Madiha) e arte em plumaria (Yanomami). Os yanomamis pertencem a família linguística yanomami e estão distribuídos nos estados do Amazonas e Roraima.

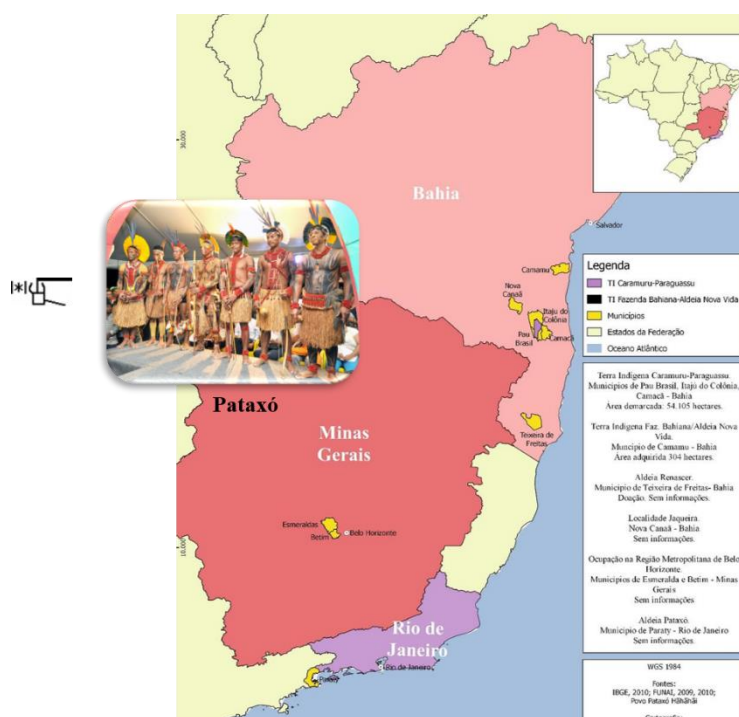
A pesquisa de Bezerra (2021) representa as etnias nas toadas do festival de boi-bumbá em Parintins. A metodologia foi de convencionalizar sinais para essas etnias com surdos

urbanos. Não foram os surdos dessas etnias que criaram os sinais, exceto os das etnias Moyoruna e Matis/Matsés.

3.2 Etnia indígena da Bahia-Minas Gerais

Os Pataxó vivem em diversas aldeias no extremo sul do estado da Bahia e norte de Minas Gerais, sendo seminômade da língua da família maxakali, do tronco makro-jê. Damasceno (2017) pesquisou sobre a Língua de Sinais Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha-BA. O sinal representativo dessa etnia (Fig. 4), representa o bracelete indígena.

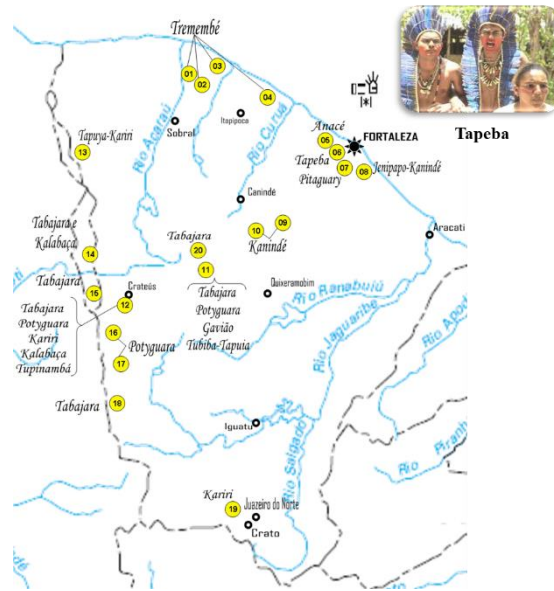
Figura 4. Sinal representativo da etnia Pataxó.



Fonte: <https://www.vitrinedacosta.com/2011/04/imprensa-local-aldeia-velha-vence-o.html>;
<https://docplayer.com.br/185522551-Os-pataxo-hahahai-e-as-narrativas-de-luta-por-terra-e-parentes-no-sul-da-bahia.html>.

3.3 Etnia indígena do Ceará

No Ceará, os Tapeba são produto de um processo histórico de individuação étnica de frações de diversas sociedades indígenas nativas reunidas na Aldeia de Nossa Senhora dos Prazeres de Caucaia, na região metropolitana de Fortaleza-CE.

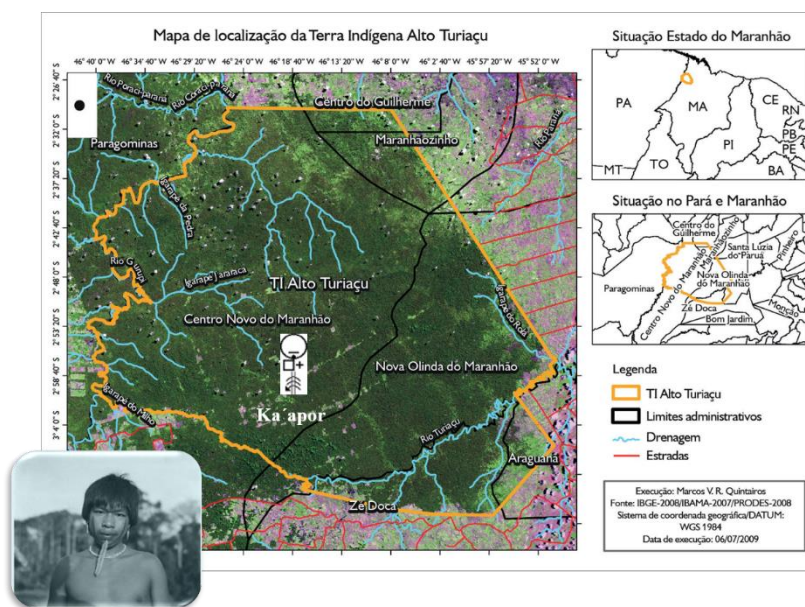
Figura 5. Sinal representativo da etnia Tapeba.

Fonte: Lopes (2020); <https://indigenasbrasileros.blogspot.com/2020/10/tapeba.html>;
<https://siaraindigena.wordpress.com/2012/10/30/indigenas-no-ceara/>

Lopes (2020: 46) explica que o sinal Tapeba, foi criado pelo professor surdo da UFC, que analisou a historicidade dos Tapeba e a etimologia da palavra, fornecendo toda essa iconicidade ao termo. A mão [D] representa o cocar. A escolha dessa configuração tem relação com o fato que o número [4] representa os elementos básicos da natureza: água, fogo, terra e ar, a mão [E] explicita a derivação da palavra mencionada no começo desse estudo. Tapeba vem da língua Tupi. Sua denominação vem da variação fonética de Itapeava, que significa ‘pedra plana’, ‘pedra chata’, ‘pedra polida’. Desta forma, a configuração simboliza ‘pedra’. Juntando os parâmetros, finalizamos com a imagética ‘cocar na pedra’ ou os Tapeba.

3.4 Etnia indígena do Maranhão-Pará

No Maranhão, os povos Ka'apor (Fig. 6) foram, inicialmente, estudados por Kakumasu e Kakumasu (1968) e, em seguida, por Ferreira-Brito (1983, 1995). O termo Ka'apor significa ‘pegadas na mata’. Os povos Ka'apor têm o seu sinal representativo no ornamento da arte em plumaria entre o queixo e a boca. A Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB) foi a primeira LSTI documentada por Kakumasu e Kakumasu (1968); Ferreira-Brito (1983, 1995); Baleé (1998) e Cerqueira (2008), sendo considerada a segunda língua de sinais representativa da comunidade surda brasileira. Godoy (2020) pesquisou os povos indígenas ka'apor do Pará.

Figura 6. Sinal representativo para etnia Ka'apor na LSKB

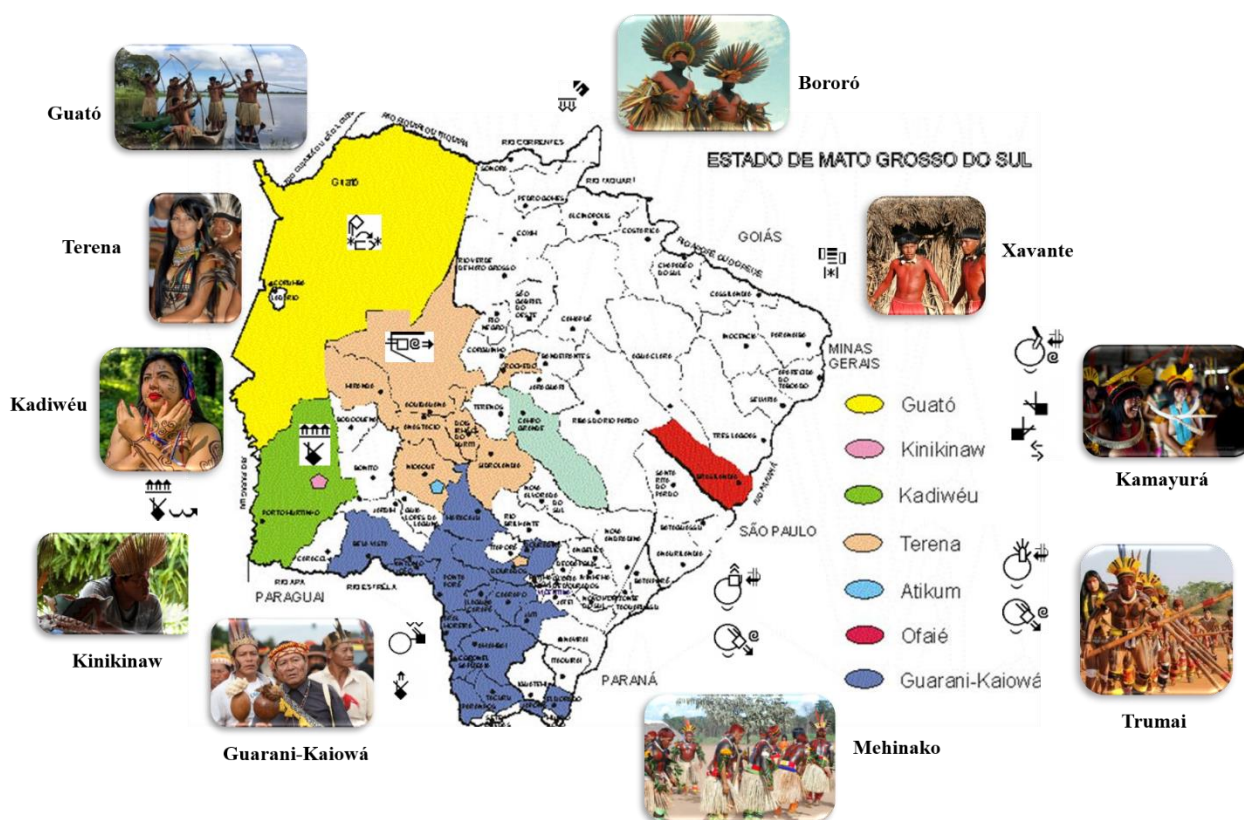
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/508625351637419022/>

Pode-se ressaltar que a arte indígena se manifesta na arte plumária, música, dança, cestaria, cerâmica, tecelagem e pintura corporal. Na cultura indígena surda, isso se expressa pela sinalização icônica.

3.5 Etnias indígenas do Mato Grosso do Sul

No Mato Grosso do Sul, Vilhalva (2012) mapeou e registrou 32 sinais das LSTI de comunidades indígenas do Mato Grosso do Sul, os quais mesclam entre a Libras e a Língua de Sinais das Terras Indígenas. Desse mapeamento realizado, foram registrados dois sinais referentes as Aldeias Jaguapiru e Urbana Marçal de Souza, além de sete etnias indígenas. As etnias dos povos indígenas surdos do Mato Grasso do Sul (Fig. 7) são as mais bem documentadas em termos de pesquisas das LSTI por causa da pesquisadora surda e descendente de indígena, Shirley Vilhalva, considerada uma referência nessa área. Bezerra (2021) identificou os sinais representativos dos Kamayurás, Mehinakos e Trumaí no Xingu.

Figura 7. Imagens ilustrativas das etnias de indígenas surdos do Mato Grosso do Sul documentadas



Fonte: Vilhalva (2012); <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bororos>;
<https://projeto colabora.com.br/ods3/guarani-kaiowa-e-inseguranca-alimentar/>;
<https://racismoambiental.net.br/2021/02/22/em-memoria-do-lider-guato-celso-alves-ferreira/>;
<https://brasil.mongabay.com/2021/05/povo-kadiweu-faz-da-arte-uma-estrategia-de-sobrevida/>;
<http://www.secc.ms.gov.br/livro-sobre-povo-kinikinau-sera-lancado-nesta-sexta-feira-no-mis/>;
<https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral,tribo-xavante-abre-sua-aldeia-para-visitantes-interessados-em-aprender-sobre-a-cultura-indigena,70002348000>

Analisando os sinais acima, podemos notar que a maioria se configura como empréstimos linguísticos visuais da língua oral-auditiva, como Bororó [B], Kaiowá [K], Kadiwéu [K] e Kinikinau [K]. Os guaranis são originários do tronco da família linguística Tupi-Guarani e estão em diversos estados divididos em três grupos: Kaiowá, Mbyá e Nandeva. Os terenas são da família Aruak, encontram-se nos estados Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo. E os xavantes são originários do tronco da família linguística Macro-Jê, e estão concentrados em reservas indígenas do estado do Mato Grosso.

3.6 Etnias indígenas do Pernambuco

Em Pernambuco, Pereira (2013) registrou em formato de vídeo (<https://youtu.be/HFw2nBQCXA>) sinais de 10 etnias de povos indígenas, as quais ainda não apresentam estudos descritivos referente a indígenas surdos. Sobre as LSTI de Pernambuco encontra-se o trabalho com os povos indígenas surdos de Porto de Galinha-PE (Carliez; Formigosa; Cruz 2016). Os Atikum estão distribuídos nos estados do Pernambuco e Mato Grosso do Sul.

Figura 8. Imagens ilustrativas das etnias de indígenas do Pernambuco documentadas

Fonte: Pereira (2013) disponível em <https://youtu.be/HFw2nBQCXA>; Imagens retirada de <https://indigenasbrasileiros.blogspot.com/2020/05/atikum.html>; <https://www.youtube.com/watch?v=8Jw4fDVqRo0>; <https://pensarcultura.com.br/nacao-indigena-kaxinawa-cria-game-sobre-sua-historia-para-preservar-cultura-local/>; <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pankar%C3%A11>; <http://claudiotognolli.com.br/mpf-posseiros-devem-desocupar-terra-indigena-pankararu/>; <https://www.dicionarioinformal.com.br/pipip%C3%A3/>; <https://www.didigalvao.com.br/cacique-bertinho-truka-e-sua-comunidade-indigena-declaram-apoio-a-pre-candidatura-a-prefeito-de-dim-saraiva-mdb/>; <https://www.brasildefato.com.br/2018/12/21/apos-perderem-terras-para-barragem-490-familias-tuxa-sofrem-ameaca-de-despejo>

Pode-se perceber que o sinal para a etnia do povo Atikum faz culto à natureza (*toê* = ‘fogo’), outros representam, visualmente, adereços ornamentais que fazem parte da cultura e identidade desses povos indígenas e nos desvela o corpo por meio de pinturas e ornamentos como território de conhecimento.

3.7 Etnia indígena de Rondônia

Em Rondônia, Eler (2017) mapeou e documentou 53 Sinais Paiter Suruí (SPS), sendo que representam a cotidianidade da comunidade indígena evidenciada pelos 32 sinais de animais, 12 e 9 referem-se, respectivamente, aos contextos educacional e social. A etnia do povo indígena Paiter Suruí, no estado de Rondônia, tem seu sinal representativo no cocar e também no ornamento manual de cordas utilizadas em formato de “x” no corpo (Fig. 9).

Figura 9. Sinal representativo para Paiter Suruí nos SPS.

Fonte: <https://tvbrasil.abc.com.br/visceral-brasil-as-veias-abertas-da-musica/episodio/povo-indigena-surui-paiter-gente-de-verdade>; <http://www.kaninde.org.br/carta-do-povo-paiter-surui-as-autoridades-publicas-e-a-sociedade-brasileira/>; Eler (2017).

Além da pesquisa de Eler (2017), também podemos destacar Costa (2017) e Gregianini (2017). E, o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) tem se tornado um *locus* para o desenvolvimento das pesquisas de povos indígenas surdos da região norte, sob orientação do atual chefe do Departamento de Libras (DLibras), Prof. Dr. João Carlos Gomes.

3.8 Etnia indígena de Roraima

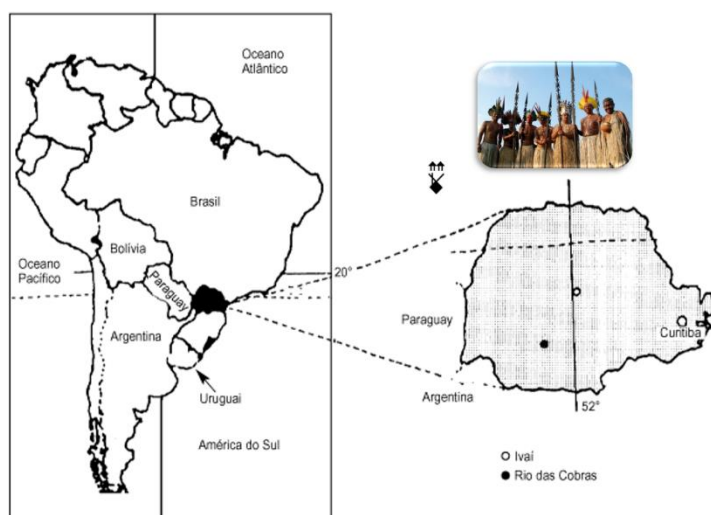
Araújo e Oliveira (2021) abordam a questão das línguas de sinais emergentes (LSEs) no contexto das línguas minoritárias no Brasil, especificamente, a Língua de Sinais Macuxi (LSM). E discutem as políticas linguísticas e os desafios de estudar e pesquisar línguas de sinais emergentes em um formato de pesquisa colaborativo em equipes multidisciplinares. O sinal representativo da etnia do povo Macuxi (Fig. 10) representa a pintura indígena facial. Os Macuxi é uma população indígena que habitam a região partilhada entre o Brasil e a Guiana, especificamente, entre as cabeceiras dos rios Branco e Rupununi.

Figura 10. Sinal representativo para etnia Macuxi

Fonte: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/34301-ndios-macuxis>; <http://macuxi-unb.blogspot.com/2016/06/localizacao.html>

3.9 Etnia indígena de Santa Catarina

Em Santa Catarina, as pesquisas sobre os povos indígenas surdos da etnia Kaingang foram desenvolvidas por Giroletti (2008). A figura abaixo representa o sinal dessa etnia em Língua de Sinais Kaingang (SKA).

Figura 10. Sinal representativo para a etnia Kaingang na SKA

Fonte: https://br.pinterest.com/amanda_eggert/kaingang/

Os Kaingangs proveniente do tronco da família linguística Macro-Jê e estão distribuídos em quatro estados brasileiros: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Concordamos com Silva e Quadros (2019) ao destacarem que os estudos de línguas de sinais de povos indígenas surdos são bastante iniciais necessitando ainda de pesquisas. Rosa;

Lebedeff e Monte (2010) mencionam sobre a necessidade da descrição linguística das referidas línguas para assim registrá-las e documentá-las como Patrimônio Imaterial da Cultura Surda Brasileira.

Nonaka (2010) alerta para o risco que estas línguas utilizadas por comunidades surdas isoladas sofrem, o risco de desaparecimento, por esse motivo, as pesquisas etnoterminográficas são importantes. Somado a isso, Quadros e Leite (2013) afirmam que somente com a documentação será possível não apenas às comunidades usuárias dessas línguas, mas a toda população do país, reconhecer o valor e a riqueza de suas particularidades linguísticas e das perspectivas culturais nelas imbuídas. E, Zeshan (2006) endossa a importância de uma documentação destas línguas de sinais no intuito de fortalecer os estudos sobre a tipologia linguística das línguas de sinais.

4. Considerações finais

Concluiu-se que os sinais representativos das 34 etnias identificadas e documentadas em escrita de sinais pelo sistema Sutton-SignWriting, representam artefatos visuais da cultura e identidade indígena surda como elementos da natureza, adereços ornamentais, armas indígenas, piroga/canoa indígena, empréstimos linguísticos das línguas orais e arte em plumaria.

Além disso, foram identificados os sinais representativos dessas diferentes etnias indígenas distribuídas entre dez estados brasileiros, tais como no Amazonas, os Sataré-Mawé, os Moyorunas, os Korubos, os Kulina Madiha, os Matis/Matsés, os Yanomamis, os Kanamaris, os Marubos e; no Mato Grosso do Sul; na Bahia-Minas Gerais, os Pataxós; no Ceará, os Tapeba; no Maranhão-Pará, os Ka'apores; em Pernambuco, os Atikum, os Fulni-ô, os Kambréas, os Karinawás, os Pankarás, os Pankararus, os Pipipãs, os Trukás, os Tuxás e os Xucurus; no Mato Grosso do Sul, os Bororos, os Guaranis-Kaiowás, os Guató, os Kadiwéu, os Kinikinaus, os Terenas, os Xavantes, os Kamayurás, os Mehinakos, os Trumai; em Rondônia, os Paiter Suruí e em Santa Catarina, os Kaingang. Como registro léxico-terminográfico têm-se os minidicionários de sinais emergentes indígenas de Vilhalva (2012) e o dos Sataré-Mawé de Azevedo (2016), além de um glossário de sinais Paiter Suruí de Eler (2017) e dois virtuais disponíveis no YouTube, Pereira (2013) e Bezerra (2021).

Os estudos surdos de povos indígenas tendenciam ao plurilinguismo, mestiçagem, hibridismo, cosmovisão, pajelança, misticismo tribal, multiculturalismo e nativismo. Essa pesquisa contribui para a sistematização dos sinais-termo das Línguas de Sinais das Terras Indígenas, principalmente, das comunidades indígenas surdas brasileiras e indicam novos desdobramentos.

Referências

- Almeida, Edielso Manoel Mendes de; Sebastião, Lindomar Lili (2016). A educação inclusiva de índios surdos no processo de aprendizagem na educação básica. In *Anais da 30ª Reunião Brasileira de Antropologia*, João Pessoa-PB.
- Anaquiri, Mirna Kambeba Omáqua-Yetê (2017). *Que memórias me atravessam? Meu percurso de estudante indígena* (Dissertação de mestrado em arte e cultura visual). Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8047>
- Araújo, Paulo Jeferson Pilar; Oliveira, Analú Fernandes de (2021). Línguas de sinais emergentes no Brasil: o caso da Língua de Sinais Macuxi. *Revista de Letras Norte@mentos*, vol. 14(37): 224-240. <http://dx.doi.org/10.3068//1983-8018>

- Azevedo, Marlon Jorge Silva de (2015). Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins (Dissertação de mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Manaus-AM.
- Azevedo, Marlon Jorge Silva de (2016). *Minidicionário Sataré-Mawé em Libras*. Parintins.
- Baleé, William. L. (1998). Ka'apor. In *povos indígenas no Brasil*. São Paulo: Instituto Socioambiental. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ka'apor>
- Cerqueira Santos; Irlan Marcos. *O indígena surdo Ka'apor: Elo entre as modalidades de educação especial e indígena* (2008). Instituto de Ensino Superior Franciscano – IESF. Docência na Educação Básica e Superior. São Luís-MA (no prelo).
- Barretos, Euder Arrais (2016). *A situação de comunicação dos Akwẽ-Xerente surdos* (Dissertação de mestrado em letras e linguística). Goiânia: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5849>
- Bezerra, Erich Teles (2021). *Uma análise dos sinais-termo das etnias indígenas nas toadas dos bois bumbás* (TCC-Bacharelado em letras Libras). Universidade Federal de Santa Catarina, Polo Manaus-AM. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/224603>
- Bruno, Marilda Moraes Garcia; Lima, Juliana Maria da Silva (2015). As formas de comunicação e de inclusão da criança Kaiowá surda na família e na escola: um estudo etnográfico. *Revista Brasileira de Educação Especial* 21(1): 127-142. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382115000100009>
- Carliez, Maria Luizete Sampaio Sobral; Formigosa, Ellen; Cruz, Eder Barbosa (2016). Accessibilité et égalité des chances aux micro-communautés des sourds brésiliens: vers la reconnaissance des langues des signes pratiquées par les sourds de Soure (Île de Marajó) et Fortalezinha-PA et Porto de Galinhas-PE. *Revista Moara* 45: 128-143. <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i45.3711>
- Carliez Maria Luizete Sampaio Sobral; Fusellier, Ivani (2016). Collecte des langues des signes des sourds de Soure (Île de Marajó): un parcours méthodologique (2008/2013), les enjeux sociaux et politiques de la non reconnaissance des langues des signes émergentes pratiquées par ces sourds. *MOARA* 45: 144–160. <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i45.3712>
- Cerqueira Santos, Irlan Marcos (2015). O acesso do surdo Ka'apor em sua comunidade indígena à educação: uma discussão de inclusão. *VII Jornada Internacional de Políticas Públicas*. São Luís/Maranhão: Universidade Federal do Maranhão.
- Cerqueira, Ivanete Freitas; Teixeira, Elizabeth Reis (2016). Iconicidade e realidade: um olhar sobre a produção de sinais dos surdos do município de Cruzeiro do Sul/Ac. *Anthesis - Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental* 4(8): 64-89. <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/496>
- Coelho, Luciana Lopes (2011). *A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola* (Dissertação de mestrado em educação). Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados. <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/620>
- Costa, Miriã Gil de Lima (2017). *Mapeamento dos sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade familiar* (Dissertação de mestrado em letras). Porto Velho, RO: Universidade Federal de Rondônia (UNIR).
- Costa, Edivaldo da Silva; Nascimento, Leoni Ramos Souza (2015). Os dicionários virtuais e impressos da língua brasileira de sinais. *Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional* 8(8): 1-15. <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/1283/145>
- Costa, Edivaldo da Silva; Nascimento, Leoni Ramos Souza; Prates, Magno Prado Gama (2021) Karai Je'éha Jakwarahã (Comunique-se bem!): um estudo sobre as línguas de sinais das terras indígenas. *Humanidades e Inovação: Discurso e Alteridade II* 8(37): 21-35. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2891>

- Costa, Edivaldo da Silva; Bezerra, Erich Teles; Nascimento, Leoni Ramos Souza; Coutinho, Uerbson Nunes (2022). Ukínoaku xunáko (Nossa língua, espaço de resistência): registrando às línguas de sinais dos povos indígenas do Brasil. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas*, Macapá (no prelo).
- Damasceno, Letícia de Souza Magalhães (2017). *Surdos Pataxó: inventário das Línguas de Sinais em território etnoeducacional* (Dissertação de mestrado em língua e cultura). Bahia, Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Eler, Rosiane Ribas de Souza (2017). *Mapeamento dos sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiteer Suruí* (Dissertação de mestrado em letras). Porto Velho, Rondônia: Universidade Federal de Rondônia (UNIR). <https://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/3286>
- Faulstich, Enilde (2018). Terminologia: a disciplina da nova era na formação profissional de Língua de Sinais. *Revista Espaço* 49: 21-34. <http://dx.doi.org/10.20395/re.v0i49.424>
- Ferreira-Brito, Lucinda (1995). *Por uma gramática da Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Ferreira-Brito, Lucinda (1983). A comparative study of signs for time and space in São Paulo and Urubu-Kaapor Sign Language. In William C. Stokoe; V. Volterra (eds.), *Proceedings of the 3rd International Symposium on Sign Language Research*. Rome & SiverSpring: CNR & Linstok Press.
- Ferreira, Ivanilton (2021). *Minidicionário digital da língua de sinais Munduruku* (Mestrado profissional em ensino): Belém, Para: Universidade Federal do Para. <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13594>
- Formigosa, Ellen (2015). *Étude de la variation linguistique de la ls au Brésil dans l'enseignement de la Libras*. Paris 8.
- Giroletti, Marisa Fátima Padilha (2008). *Cultura surda e educação escolar Kaingang* (Dissertação de mestrado em educação). Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91404>
- Gregianini, Luciana Coladine Bernardo (2017). *Mapeamento dos sinais Paiteer Suruí no contexto da comunidade* (Dissertação de mestrado em letras). Porto Velho, Rondônia: Universidade Federal de Rondônia (UNIR).
- Godoy, Gustavo (2020). *Os Ka'apor: seus gestos e sinais* (Tese de doutorado em antropologia social). Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. <http://www.etnolingustica.org/tese:godoy-2020>
- Henrique, Dyego Ramos (2014). *Indígenas surdos e a deficiência no SUS: a percepção multiprofissional no atendimento no sistema de saúde no município de Dourados – Mato Grosso do Sul* (Dissertação de mestrado em saúde coletiva): Brasília, DF: Universidade de Brasília. <https://bdm.unb.br/handle/10483/8761>
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico Brasileiro (2010). Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- Kakumasu, James Y.; Kakumasu, Kiyoto (1968). *Karai je'eha jakwarahã! - Comunique-se bem!* Cuiabá: SIL. (Livro de Frases Úteis Urubu-Kaapor). Circulação restrita.
- Leôncio, Érika Louranne; Zavaglia, Claudia (2021). Lexicografia das línguas de sinais: resgate histórico e estudo descritivo. *Signótica* 33: e63091 <https://doi.org/10.5216/sig.v32.63091>
- Lima, Juliana Maria da Silva (2013). *A criança indígena surda na cultura guarani-kaiová: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola* (Dissertação de mestrado em educação), Grande Dourados, MS: Universidade Federal da Grande Dourados. <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/644>
- Lopes, Andréa Raquel da Silva Tavares (2020). *Levantamento terminológico em Libras para os termos indígenas dos Tapeba*. (TCC-Graduação em letras libras). Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220218>

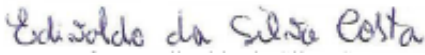
- Martinod, Emmanuella (2013). *Les LS pratiquées par des sourds isolés de Marajó* (MA thesis). Université Vincennes Saint Denis -- Paris 8.
- Moura, Bianca Andrade Leite de (2019). *Nos passos de Maria Aparecida Barbosa: reflexões epistemológicas sobre a terminologia e etnoterminologia na atualidade* (TCC-Trabalho Bacharelado em línguas estrangeiras aplicadas). Brasília, DF: Universidade de Brasília. <https://bdm.unb.br/handle/10483/24676>
- Moura, Mônica Lima Silva de; Gomes, João Carlos (2020). Mapeamento das línguas de sinais indígenas no povo Xukuru do Ororubá no contexto dos estudos surdos. *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão* 1: 41-54.
- Nonaka, Angela M. (2010). Interrogatives in Ban Khor Sign Language: A preliminary description. In Gaurav Mathur; Donna J. Napoli (eds.), *Deaf around the world: The impact of language*. Oxford: Oxford University Press. [10.1093/acprof:oso/9780199732548.003.0011](https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199732548.003.0011)
- Oliveira, Analú Fernandes de (2021). *Aspectos da convencionalização de sinais das línguas de sinais emergentes no Brasil* (Dissertação de mestrado em letras). Boa Vista: Universidade Federal de Roraima (UFRR).
- Peoples, James; Bailey, Garrick (2010). *Humanity: An introduction to cultural anthropology* (9th ed.).
- Pereira, Laerte Leonaldo (2013) *Sinais em Libras: povos indígenas de Pernambuco*. <https://youtu.be/HFw2nBQCXA>
- Pereira, Everton Luís (2013) *Fazendo cena na cidade dos mudos: Surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no Sertão do Piauí* (Tese de doutorado em antropologia social). Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107034>
- Quadros, Ronice Müller de; Leite, Tarcísio de Arantes (2013). Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In Ronice Müller de Quadros; Marianne Rossi Stumpf; Tarcísio de Arantes Leite. *Estudos da Língua Brasileira de Sinais II*, pp. 15-28. Florianópolis. Ed. Insular.
- Rosa, Fabiano Souto; Lebedeff, Tatiana Bolivar; Monte, Magda Souto Rosa (2013). Memórias linguísticas e registros dos verbos do sistema de sinais caseiros de duas crianças surdas de Jacaré dos Homens. In Orquídea Coelho; Madalena Klein. *Cartografias da surdez: Comunidades, línguas, práticas e pedagogia*. Porto: Livpic.
- Sant'ana, Sâmela Celeste Garcia Viturino (2016). *Educação de índios surdos no Brasil: desafios linguísticos e culturais* (Monografia pedagogia bilíngue). Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).
- Silva, João Henrique da (2014). *Formação de professores para o atendimento educacional especializado em escolas indígenas* (Dissertação de mestrado em educação). Dourados, MS: Universidade Federal do Grande Dourados. <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/668>
- Silva, Diná Souza da; Quadros, Ronice Müller de (2019). Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. *Brazilian Journal of Development* 5(10): 22111-22127. 2019. <https://doi.org/10.34117/bjdv5n10-342>
- Silva, Diná Souza da (2021). *Inventário de língua de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós-PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre-CE)* (Doutorado em linguística). Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229358>
- Soares, Priscilla Alyne Sumaio. (2018). *Língua terena de sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da Terra Indígena Cachoeirinha* (Tese de doutorado em linguística e língua portuguesa). Araraquara, SP: Universidade Estadual Paulista. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/155878>

- Sofiato, Cássia Geciaukas (2005). *O desafio da representação pictórica da língua de sinais brasileira* (Dissertação de mestrado do curso de artes visuais). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas. <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000361470>
- Sofiato, Cássia Geciaukas; Reily, Luciana Helena (2012) Dicionários e manuais de língua de sinais: análise crítica das imagens. In Cássia Geciaukas Sofiato et al. *Língua brasileira de sinais – Libras: aspectos linguísticos e históricos* (Coleção UAB-UFSCAR), pp. 11-22. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos. http://audiovisual.uab.ufscar.br/impresso/2016/EM/EM_libras.pdf
- Sumaio, Priscilla Alyne (2014). *Sinalizando com os Terenas: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos* (Dissertação de mestrado em linguística e língua portuguesa). Araraquara, SP: Universidade Estadual Paulista. <http://hdl.handle.net/11449/115690>
- Stoianov, Diane; Nevins, Andrew (2017). The phonology of handshape distribution in Maxakalí sign. In Geof Lindsey; Andrew Nevins (eds.), *Sonic signatures: studies dedicated to John Harris* (Language Faculty and Beyond 14), pp. 231-262. John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/lfab.14.c14>
- Sutton, Valerie (2000). Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais. Tradução e adaptação: Stumpf, Marianne Rossi; Costa, Antônio Carlos da Rocha. s/d. <http://rocha.c3.furg.br/arquivos/download/lições-sw.pdf>
- Temóteo, Janice Gonçalves (2008). *Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará: um estudo lexicológico das variações da Libras na comunidade de surdos do Sítio Caiçara*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.
- Tuxi, Patrícia; Felten, Eduardo (2019). Terminologia, terminografia e línguas de sinais: novos rumos linguísticos. *Revista Coralina* 1(1): 123-139. <https://www.revista.ueg.br/index.php/coralina/article/view/8772>
- Vilhalva, Shirley (2004). Kinikinau: valorizando a história e a pedagogia de um povo. In *Seminário "Povo Kinikinau: Persistindo a resistência"*. Bonito, Mato Grosso do Sul, 16 a 18 de junho de 2004. <https://editora-arara-azul.com.br/site/edicao/85>
- Vilhalva, Shirley (2007). Quais são as produções acadêmicas sobre índios surdos no Brasil? *IV Encontro Regional Sul de História Oral – Culturas, Identidades e Memórias*.
- Vilhalva, Shirley (2009) *Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul* (Dissertação de mestrado em linguística). Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92972>
- Vilhalva, Shirley (2012). *Índios surdos: Mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul*. Matogrosso: editora Arara Azul.
- Zeshan, Ulrike (2006). Raízes, folhas e ramos - A tipologia de línguas de sinais. In Ronice Müller de Quadros; Maria Lúcia B. de Vasconcellos (orgs.), *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais* (9º Theoretical issues in sign language research conference. Florianópolis, Brasil, dezembro 2006), pp. 39-51. Editora. Arara Azul. https://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf

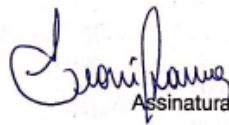
DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES POR PARTE DOS AUTORES

Declaramos, para todos e devidos fins, que temos total interesse em publicar o artigo intitulado “**Etnotermologia de etnias das línguas de sinais das terras indígenas brasileiras**”, junto à Revista *LIAMES*.

Aracaju-SE, 23/06/2022


Edivaldo da Silva Costa


Erich Teles Bezerra


Assinatura

Leoni Ramos Souza Nascimento

CONTRIBUIÇÃO ESPECÍFICA DE CADA AUTOR NA ELABORAÇÃO DO ARTIGO

Edivaldo da Silva Costa é pesquisador de LIBRAS, escrita de sinais e também das Línguas de Sinais de Terras Indígenas brasileiras contribuiu com a redação e revisão textual, escrita dos sinais das etnias em sistema Sutton-SignWriting pela plataforma virtual *SignPuddle* e coleta dos dados dos povos indígenas dos estados Pernambuco, Mato Grosso do Sul e Ceará.

Erich Teles Bezerra é pesquisador atuando como tradutor e intérprete de LIBRAS e também das Línguas de Sinais de Terras Indígenas brasileiras contribuiu com a redação textual, revisão e coleta dos dados dos povos indígenas dos estados Amazonas, Maranhão-Pará e Bahia-Minas Gerais.

Leoni Ramos Souza Nascimento é pesquisador de LIBRAS e escrita de sinais contribuiu com a revisão da escrita dos sinais das etnias em sistema Sutton-SignWriting pela plataforma virtual *SignPuddle* e coleta dos dados dos povos indígenas dos estados Rondônia, Roraima e Santa Catarina.

Recebido: 3/3/2022

Versão revista 1: 5/5/2022

Versão revista e corrigida 2: 23/6/2022

Aceito: 4/7/2022

Publicado: 11/7/2022